



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Tímido e as Mulheres', de Pepetela]

Maria Fernanda Afonso

Para citar este documento / To cite this document:

Maria Fernanda Afonso, "[Recensão crítica a 'O Tímido e as Mulheres', de Pepetela]", *Colóquio/Letras*, n.º 187, Set. 2014, p. 281-283.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

nossas sociedades» e pensando, sobretudo, nos «diferentes pontos de vista», gostaria de colocar uma última pergunta: não seria bom se um lugar de troca pudesse ser também um lugar comum?

Leonardo Gandolfi

LITERATURA ANGOLANA

FICÇÃO

PEPETELA

O TÍMIDO E AS MULHERES

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2013

O último romance de Pepetela, que conheceu já duas edições, em setembro e outubro de 2013, tem um título que estimula a curiosidade e suscita o gracejo, ao insinuar de forma irónica possíveis desaires amorosos de um herói, vítima da sua timidez, num mundo falocrático. Nele se retrata o quotidiano da sociedade luandense, numa sequência de trinta capítulos, sem nome, apenas numerados, cuja extensão varia entre duas e doze páginas. Como fios que se entrelaçam para criar um horizonte de expectativa de uma escrita singular, o divertimento do enunciado paratextual do título aparece subvertido, na metade inferior da capa do livro, pelo extrato do manuscrito de um conto, «A Ordália». Deste modo, título e ilustração suscitam duplicidades entre um registo narrativo humorístico e uma visão desencantada da vida, subversão e tradição. Cabe à contracapa apresentar de forma sucinta e precisa as coordenadas do romance, o espaço, o tempo, «Luanda nos dias de hoje», as personagens que vão constituir um triângulo amoroso — Heitor, o herói tímido, um escritor em início de carreira, é atraído por Marisa, a sedutora locutora de uma rádio luandense, casada com Lucrécio, o intelectual que se locomove

ve numa cadeira de rodas —, e prometer outras histórias, excursos do quotidiano, outros intervenientes, amigos e familiares do trio, numa cidade «que fervilha e cresce a um ritmo alucinante».

Enigmático, o enunciado epigráfico, situado no pórtico do romance, partilha o registo irónico e humorístico do título. Marcada pelo estigma da ambiguidade, a epígrafe alógrafa que começa «Tenta o Bem / Atingirás o Mal» assume um carácter carnavalesco, ao ser atribuída a Satanás, e logo posta em dúvida na sua qualidade de ficção — «Lição de Satanás aos sobrinhos, dúvida como todas as ficções» —, caucionando a complexidade do real e inscrevendo o riso cosmogónico da criação literária em Pepetela. Este afirmou, aliás, em entrevista ao *JL*, que «o riso de si é algo muito próprio da cultura angolana». Começando por Heitor, o narrador, sarcástico, em «*aristocrático plural*», introduz as personagens, uma a uma, com uma indicação precisa do seu percurso, ocupações e inquietações, tecendo com humor fino, acerado, zombeteiro, mas nunca elidindo a indignação face à corrupção generalizada das classes dirigentes, um fio narrativo urdido pela sátira da intriga de costumes, por relatos de encontros e desencontros, movendo-se entre volúpia sexual, amor abnegado e sofrimento, acabando por tocar a fimbria do trágico, com o suicídio de Lucrécio, que nunca será traído pela mulher, morte anunciada desde o capítulo dezassete e consumada perto do fim do livro. O discurso narrativo segue a ordem temporal dos acontecimentos, comentados regularmente pelo narrador, em frases muito curtas, feitas de uma linha, por vezes, com uma ou duas palavras, em impacientes ou bem humoradas interferências, instaurando a cumplicidade com o leitor, em interpelações do tipo: «Chorar resolve?» Entre os processos gráficos utilizados, surge o itálico quando a frase é intertexto da

linguagem cinematográfica, denunciando o amor confessado, em diversas entrevistas, de Pepetela pelo cinema; acontecendo o mesmo no intertexto genealógico do romance, um bolero argentino dos anos 60, *Cuando caliente el sol / Aquí en la playa / Siento tu cuerpo vibrar / Cerca de mí*, canção que, unindo os protagonistas, é o maldreadamento da atração que Marisa vai desencadear no escritor. A negrito é escrito no capítulo vigésimo sexto um conto, de cinco páginas, intitulado «A Ordália», concebido por Heitor em momento de exaltação amorosa, descobrindo, na evocação de práticas ancestrais — caminhar sobre brasas — para julgar a inocência ou a culpa dos suspeitos acusados de feitiçaria, o compromisso que a escrita de Pepetela assume, como guardião do espólio africano.

A tessitura diegética desenvolve-se numa situação de fronteira, manifesta em espaços, tempos e identidades, pondo em causa o modelo da sociedade pós-colonial angolana, dominada pela ganância, a corrupção, as desigualdades sociais. Se é verdade que retrata fundamentalmente a classe social que tem acesso ao poder, endinheirada, escolarizada e corrupta — engenheiros e fiscais do município, que enriquecem à custa da especulação imobiliária, políticos que requisitam táxis e distribuem cerveja para ganhar o voto do povo, vigaristas bem-sucedidos que, mercê de ganhos ilícitos, habitam condomínios faustosos nos bairros de Luanda-Sul, a caminho da barra do Kuanza —, quando Heitor decide isolar-se num casebre, na periferia da cidade, para exorcizar a dor de uma rejeição amorosa, através da escrita de um romance, «uma espécie de autoflagelação e regeneração do ego», surgem os musseques, com casas de adobe, a vida difícil dos habitantes que vieram de outras províncias de Angola, a falta de transportes, as madrugadas penosas das zungueiras, vendedeiras ambulantes per-

seguidas pela Polícia por venderem sem licença, viúvas de heróis que lutaram pela independência, à espera que o Governo cumpra a promessa de dar casa às famílias dos antigos combatentes. No momento em que Heitor cruza fronteiras, geográficas e sociais, e a sua profissão de escritor facilita-lhe a tarefa, anula estigmas e dá início a um processo de transgressão dos limites de cada um com o aparecimento de uma nova consciência social.

As mulheres são sujeito efetivo no título e no romance, distinguindo-se a mãe de Heitor, deputada, que usa de expedientes pouco claros para angariar votos, Marisa, a locutora de rádio, jovem e sensual, desejada por colegas e ouvintes misteriosos, fiel a um marido paralítico; mas é nos musseques que é posta em lugar de destaque a coragem das mulheres, labutando arduamente para que as filhas tenham acesso à instrução, como dona Luzitu, «seca e rija como uma árvore de pau-preto», que perdeu em diferentes guerras marido e dois filhos. Ao acederem a estudos universitários, Rosa e Orquídea vencem patamares sociais, a que pareciam condenadas, permitindo-se intervir na discussão política bem como criticar os que se envolvem em negociatas fraudulentas, recusando Rosa um pretendente que abusou do seu estatuto de chefe de município para adquirir uma casa. Depois de várias paixões, Heitor escolhe para sua namorada Orquídea, irmã de um jovem assaltante que será baleado pela milícia do musseque, designada de LimpaMerdas, a cujo funeral ambos assistirão, revogando o jovem escritor, oriundo de uma família abonada, com a sua presença no musseque, indicadores sociais espaciais que pareciam intransponíveis.

Estamos perante um romance que usa um tom bem-humorado, irreverente mas incisivo, na caracterização de um país pós-colonial onde têm lugar memórias da guerra — a presença em Angola de zairen-

ses, sul-africanos, cubanos, a formação dos «pioneiros», crianças com espingardas feitas em casa, os bombardeamentos sobre as populações —, do tempo colonial — «O colono era o deus, o carrasco e o patrão, tudo numa pessoa» —, a solidariedade entre as populações deslocadas pela guerra, o pesar pelo desaparecimento dos valores defendidos pelos anciãos face a uma juventude sem ideais, que se rege «pela procura de dinheiro, carros e festas», as referências à gastronomia tradicional — «o funji», a «muamba» —, a criminalidade juvenil dos musseques, constituindo-se a narrativa num vasto fresco da sociedade angolana. A linguagem é o português de Angola, contaminado pelas línguas africanas, gravitando na esfera da oralidade («olha só aí, meu»), onde não faltam expressões de carácter sentencioso («A guerra não é só desperdício?» ou «ser acusado é fácil, basta respirar. Difícil é provar a inocência»), sínteses lapidares de teor lúdico («empresário a andar no candongueiro, só chinês» ou «Quem disse haver gente mais simpática que um gordo?»), tornando-se a ironia uma arma, usada de forma ininterrupta e consciente, para delinear um retrato comovente e mordaz de Luanda («mais uma vez se diz, urbe exemplar em equidade social e moral, desde a fundação»), cidade que, à semelhança do que se verifica noutras obras angolanas — basta recordar Luandino Vieira —, ganha dimensão literária em *O Tímido e as Mulheres*.

Escritor seminal, depois de ter publicado em 2011 o romance *A Sul. O Sombreiro*, na linha de outros romances históricos, nomeadamente, *Yaka*, *Lueji* — *O Nascimento de Um Império*, *Parábola do Cágado Velho* ou *A Gloriosa Família*, que incorporam personagens e acontecimentos tidos como históricos, Pepetela, autor que recebeu o Prémio Camões em 1997, escreveu *O Tímido e as Mulheres*, retratando um universo espaço-temporal que

se aproxima de *Predadores*, publicado em 2005. Este título é uma metáfora crítica da emergente burguesia angolana, constituída após a independência, ironizando sobre as trajetórias de ex-guerrilheiros convertidos em burocratas corruptos, imersos num ritmo alucinante de negócios, que dizem respeito à construção civil desenfreada que desfigurou a fâcias da cidade. Se estes dois livros, *Os Predadores* e *O Tímido e as Mulheres* se afastam da escrita da história, é preciso, todavia, considerar que os romances históricos de Pepetela não são de celebração do passado, mas de interrogação, representando possibilidades de releituras do tempo colonial e pré-colonial, que permitem a compreensão do presente. Vivendo a ambivalência, a ambiguidade e a duplicidade que marcam as sociedades pós-coloniais, denunciando os abusos de poder das clientelas que controlam o aparelho burocrático estatal, Pepetela assume o papel de mediador e, na configuração de identidades híbridas e rizomáticas, em diferentes romances, que se constroem em eco, faz emergir a Nação.

Maria Fernanda Afonso

LITERATURA BRASILEIRA

POESIA

Sérgio Alcides

PÍER

São Paulo, Editora 34 / 2012

Retornar às coisas, evocar o osso. «Tudo quietude, tudo / flutua sem sombra, sem / nenhuma ponderação» («Prelúdio», p. 9), assim começa *Pier* de Sérgio Alcides. O abandono silencioso das coisas «que vão se despindo de seu alarde» domina a cena na primeira parte do poema; e em seu segundo ato, que também o encerra, é